



ESCOLA DE GUERRA NAVAL



NÚCLEO DE AVALIAÇÃO  
DA CONJUNTURA

# BOLETIM

---

# GEOCORRENTE

28 de janeiro de 2021

ISSN 2446-7014

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

ANO 7 • N° 131

## ESCALADA DE TENSÕES NA DISPUTA POR ESSEQUIBO

ESTE E OUTROS 14 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO



# BOLETIM GECORRENTE

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

## DIRETOR DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE PAULO CÉSAR BITTENCOURT FERREIRA

## SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

## CONSELHO EDITORIAL

### EDITOR CHEFE

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO F. DE MATTOS (EGN)

### EDITOR EXECUTIVO

CAPITÃO-TENENTE BRUNO DE SEIXAS CARVALHO (EGN)

### EDITOR CIENTÍFICO

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

### EDITORES ADJUNTOS

JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)

NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)

PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-RIO)

### DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

BRUNO GONÇALVES (UFRJ)

ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)

### TRADUÇÃO E REVISÃO

RODRIGO DUTRA (UFRJ)

## NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

## CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GECORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

## PESQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

### ÁFRICA SUBSAARIANA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)

BRUNO GONÇALVES (UFRJ)

FRANCO NAPOLEÃO A. DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-RIO)

ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)

JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)

VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UERJ)

### AMÉRICA DO SUL

BRUNA SOARES CORRÊA DE SOUZA (LASALLE)

CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)

GABRIELA DE ASSUMPTÃO NOGUEIRA (UFRJ)

MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)

PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIV. DE SANTIAGO)

### AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)

RAFAEL ESTEVES GOMES (UFRJ)

VICTOR CABRAL RIBEIRO (PUC-RIO)

VICTOR EDUARDO KALIL GASPAR FILHO (EGN)

### ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)

GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)

PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-RIO)

RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

### EUROPA

MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)

NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)

THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

VICTOR MAGALHÃES LONGO DE CARVALHO MOTTA (UFRJ)

### LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)

LUÍS FILIPE DE SOUZA PORTO (UFRJ)

MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)

PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)

RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)

VINICIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

### ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ADEL BAKKOUR (UFRJ)

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)

ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)

ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)

DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)

PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)

### RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)

LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)

PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)

PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

### SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

IASMIN GABRIELE NASCIMENTO DOS SANTOS (UFRJ)

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)

VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

### SUL DA ÁSIA

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)

MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)

REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

### TEMAS ESPECIAIS

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)

# ÍNDICE

<b>AMÉRICA DO SUL</b>		<b>LESTE ASIÁTICO</b>	
Expectativas na política externa e marítima argentina.....	5	Suganomics: Economia digital e verde no Japão pós-COVID-19 .....	12
Escalada de tensões na disputa por Essequibo .....	6	A ascensão do poder militar chinês: uma nova potência terrestre e naval .....	13
<b>AMÉRICA DO NORTE &amp; CENTRAL</b>		<b>SUL DA ÁSIA</b>	
Joseph Biden e a retomada da orientação multilateral estadunidense .....	7	Os desdobramentos da retirada das tropas estadunidenses do Afeganistão ....	14
A disputa entre Estados Unidos e China pela América Central e o Caribe .....	7	<b>ÁRTICO &amp; ANTÁRTICA</b>	
<b>ÁFRICA SUBSAARIANA</b>		Expectativas para o Ártico: o aumento dos transportes na Northern Sea Route.....	
Os impactos da AfCFTA, o maior acordo de livre comércio do mundo .....	8	15	
<b>ORIENTE MÉDIO &amp; NORTE DA ÁFRICA</b>		Artigos Seleccionados & Notícias de Defesa.....	
A Mediação do Kuwait na Resolução da Crise do Golfo .....	9	16	
<b>EUROPA</b>		Calendário Geocorrente.....	
Noruega, Suécia e Finlândia projetam suas Defesas na mesma direção.....	9	16	
Grécia amplia águas territoriais no Mar Jônico antes de reunião com a Turquia.....	10	Referências.....	
<b>RÚSSIA &amp; Ex-URSS</b>		17	
Southern Gas Corridor: o avanço da geopolítica energética do Azerbaijão.....	11	Mapa de Riscos.....	
O papel do submarino Kazan nos interesses geopolíticos russos .....	12	18	

## PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

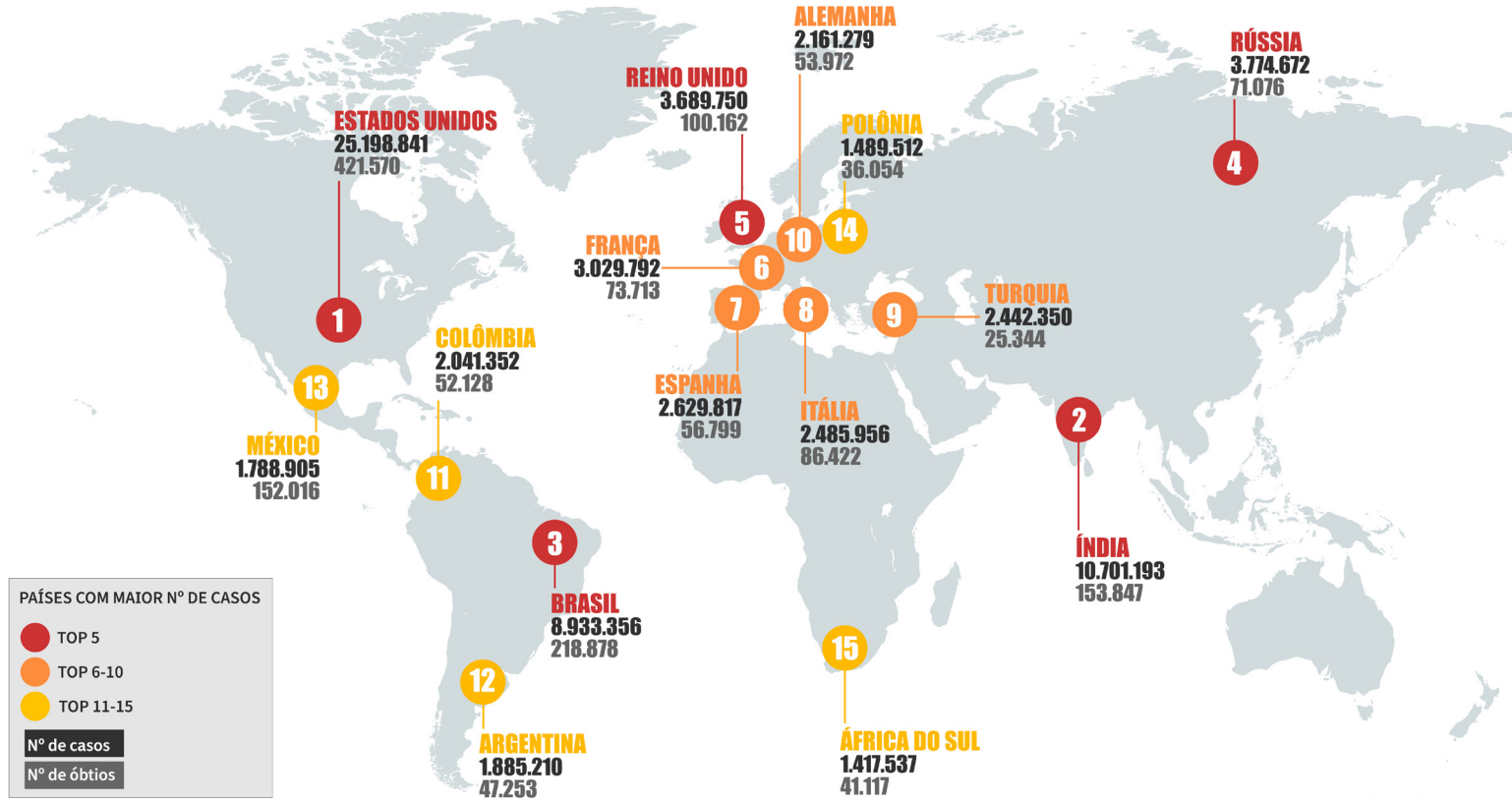


Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 18.

# ACOMPANHAMENTO COVID-19

## PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "WHO COVID-19 Dashboard", publicado no dia 28 de janeiro de 2021.



## ACOMPANHAMENTO DAS VACINAS

Vacinas COVID-19			
Vacinas em uso pelo mundo			
Nome	Organização	País de produção	Aprovação pelo mundo
AZD1222	AstraZeneca; University of Oxford		Uso emergencial: Brasil, México, El Salvador, Rep. Dominicana, Argentina, Grã-Bretanha, Índia, Marrocos, Hungria, Nepal, Paquistão, Butão, Bangladesh e Maldivas.
Comirnaty	BioNTech; Pfizer		Aprovado: Arábia Saudita, Bahrein e Suíça. Uso emergencial: UE, EUA, Canadá, México, Colômbia, Chile, Argentina, Tunísia, Sérvia, Grã-Bretanha, Líbano, Israel, Jordânia, Iraque, Omã, EAU, Singapura e Malásia.
mRNA-1273	Moderna		Uso emergencial: UE, EUA, Canadá, Suíça, Reino Unido, Israel.
Sputnik V	Gamaleya Research Institute		Uso emergencial: Venezuela, Bolívia, Paraguai, Argentina, Argélia, Sérvia, Belarus, EAU, Hungria, Turquemenistão, Autoridade Palestina e Rússia.
BBIBP-CorV	Beijing Institute; Sinopharm		Aprovado: China, Bahrein e EAU. Uso emergencial: Egito, Bahrein e Jordânia.
CoronaVac	Sinovac Biotech; Instituto Butantan; Bio Farma		Uso emergencial: Brasil, China, Turquia e Indonésia.
-	Wuhan Institute of B. P.; Sinopharm		Uso emergencial: China e EAU.
Convidecia	CanSino Biologics		Uso emergencial: China.
Covaxin	Indian Council of M. R.; National Inst. V.; Bharat B.		Uso emergencial: Índia.

Fontes: Organização Mundial da Saúde; The New York Times

## Expectativas na política externa e marítima argentina

Carlos Silva Júnior

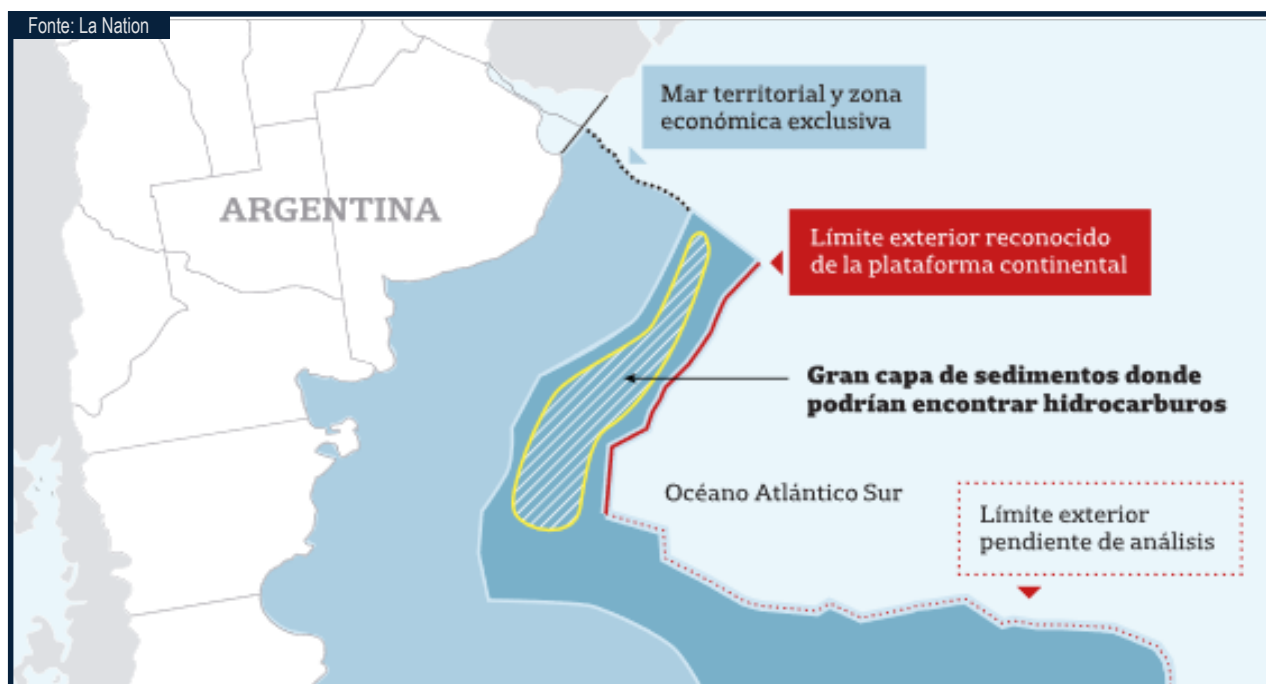
A presença argentina no Atlântico Sul vai além dos discursos políticos. Desde o início do mandato do presidente Alberto Fernández, em dezembro de 2019, foram tomadas medidas concretas para garantir a presença e reforçar os interesses nacionais no seu território marítimo, tais como: o relançamento do programa “Pampa Azul”, a criação de um conselho nacional específico para Assuntos Marítimos e a demarcação do limite externo da plataforma continental (Boletins 113 e 121), bem como o enfrentamento à pesca ilegal nas suas águas jurisdicionais (Boletins 117 e 128).

Ademais, constata-se a manutenção das ações realizadas no ano anterior, especialmente, no campo político-econômico. Recentemente, a *Yacimientos Petrolíferos Fiscales* (YPF), petrolífera estatal argentina, junto à empresa norueguesa *Equinor* decidiram se associar à *Shell* na primeira exploração de águas profundas do país, no bloco *offshore* CAN100, situado no norte do Mar Argentino. Essa parceria da YPF e da *Equinor* já se estende por outros dois blocos *offshore*, enquanto o trio já estava junto na exploração do bloco *onshore* Bandurria Sur, na área de exploração de Vaca Muerta, no norte da Patagônia. Evidentemente, esse primeiro movimento de exploração em águas profundas fomentará os incentivos às pesquisas sobre os recursos marinhos, previstas no

programa “Pampa Azul”, principalmente na nova área demarcada para a plataforma continental, a fim de encontrar reservas de hidrocarbonetos.

Dicotomicamente, a Argentina encontra expectativas para o seu principal pleito marítimo em uma nova realidade internacional. As Ilhas Malvinas, Geórgia do Sul e Sanduíche do Sul fazem parte dos territórios ultramarinos do Reino Unido, todavia, a soberania delas é pleiteada pelo país sul-americano. Com a concretização do *Brexit*, o governo argentino espera ganhar apoio da União Europeia (UE) no seu pleito, que outrora estava alinhado institucionalmente ao Reino Unido, uma vez que os territórios ultramarinos desse também estavam inseridos no bloco.

Para além dos desgastes na relação Reino Unido-UE e Ilhas Falklands/Malvinas-Reino Unido, esse por conta da ausência de um acordo comercial que preserve os benefícios comerciais e fiscais da pesca do arquipélago sul-atlântico com a UE, será necessária uma forte articulação da política externa argentina para conseguir o apoio europeu. A articulação pode vir, por exemplo, de uma postura ativa de mitigação dos impasses no Acordo Mercosul-UE e aproximação junto ao governo local do arquipélago pleiteado, que enxerga a Argentina até mesmo como uma ameaça.



## Escalada de tensões na disputa por Essequibo

Bruna Soares Corrêa de Souza

A crise fronteiriça entre Venezuela e Guiana promove uma escalada nas tensões marítimas no norte da América do Sul. Caracas tem retomado as discussões sobre sua reivindicação territorial da região de Essequibo, área concedida à Inglaterra no século XIX por arbitragem internacional e, desde então, pertence à Guiana ([Boletins 86 e 120](#)). Rica em minérios, recursos hídricos e com grandes reservas petrolíferas *offshore* recém-descobertas, a região instiga interesses venezuelanos e internacionais. O Brasil, que compartilha fronteira com ambos os países, deve observar atentamente a questão, dadas as crescentes tensões entre os dois Estados. Destarte, seria possível evitar o aprofundamento dessas tensões na esfera geopolítica da região?

O mandatário venezuelano Nicolás Maduro tem atuado em duas frentes distintas visando reaver Essequibo: projeção militar e Direito Internacional. Na esfera militar, Maduro criou, por decreto, a Zona Econômica Militar Especial de Desenvolvimento Florestal, na fronteira terrestre com Essequibo, coordenada pelo seu Ministério da Defesa. Na frente marítima, Caracas intensificou o patrulhamento da costa atlântica com navios de guerra, como provável resposta ao incremento de apoio dos Estados Unidos ao governo guianense. Em janeiro de 2021, a Guarda Costeira estadunidense realizou

exercícios militares em parceria com a Guarda Costeira da Guiana nas águas do território disputado com o USCG Stone (WMSL-758). Em visita à Guiana entre os dias 11 e 13 de janeiro, o Comandante do SOUTHCOM Almirante Craig Faller reafirmou o compromisso de cooperação em Defesa entre os EUA e Guiana e na manutenção da soberania de seus territórios e zonas marítimas.

A Corte Internacional de Justiça (CIJ) possui jurisdição e capacidade deliberativa na disputa entre os Estados. Entretanto, Maduro contestou a interferência da Corte e defendeu negociações diretas com a Guiana. A CIJ atua em disputas legais submetidas pelos Estados contenciosos e sua arbitragem na questão de Essequibo resultaria em uma solução pacífica das controvérsias. Outra possibilidade seria a intermediação diplomática de algum Estado sul-americano, como o Brasil, a fim de viabilizar a negociação entre os Estados litigantes e evitar a escalada militar.

Com isso, vê-se que a via diplomática e o Direito Internacional constituem possíveis caminhos para evitar um conflito bélico entre Guiana e Venezuela, algo a ser observado de perto pelo governo brasileiro, uma vez que o imbróglio envolve seu entorno estratégico e proximidade de fronteiras.



## Joseph Biden e a retomada da orientação multilateral estadunidense

Jéssica Barreto e Victor Gaspar Filho

O democrata Joseph Robinette Biden Jr. tomou posse como 46º presidente dos Estados Unidos da América (EUA) em 20 de janeiro de 2021, após sua vitória sobre Donald Trump – o quinto presidente da história estadunidense a não assegurar sua reeleição. Precedida de um período conturbado de manifestações da extrema-direita contra o resultado das eleições, a cerimônia não contou com a presença do ex-presidente. Biden compõe a ala moderada do partido Democrata e, durante sua campanha, defendeu a importância do multilateralismo e da manutenção do papel estadunidense no Sistema Internacional.

Em 2017 quando assumiu a presidência, Trump dedicou sua primeira semana a assinar diversas ordens executivas que revogaram medidas de Barack Obama ([Boletim 47](#)). Biden, por sua vez, assinou 17 ordens executivas no dia de sua posse, em segmentos como migração, economia, administração, meio ambiente e combate à pandemia. Dentre suas medidas, destaca-se o retorno ao Acordo de Paris, denunciado por Trump em 2017. Outros pontos importantes são a paralisação da construção do muro na fronteira com o México e a suspensão da construção do oleoduto *Keystone XL*, conectado ao Canadá.

Biden também revogou a saída dos EUA da

Organização Mundial de Saúde (OMS), anunciada por Trump, reafirmando sua intenção de cooperar e contribuir financeiramente com a organização. Ademais restabeleceu a *Directorate for Global Health Security and Biodefense*, dissolvida pelo ex-presidente republicano, dentro do Conselho de Segurança Nacional. O departamento havia sido instituído na época da epidemia de ebola, em 2014. Biden definiu Jeff Zients como coordenador do programa governamental de resposta à pandemia, renomado pela sua habilidade de administrar projetos críticos durante a administração Obama. Dr. Anthony Fauci, por sua vez, foi indicado para coordenar a delegação estadunidense no Comitê Executivo da OMS. Por fim, o presidente promete acabar com as chamadas “*forever wars*”, Guerras do Iraque e do Afeganistão, assim como retirar as tropas estadunidenses do Iêmen; e manifestou o interesse na renovação do tratado *New START* com a Rússia, prestes a expirar.

A nova administração tende a retornar à tradicional Política Externa bipartidária exercida pelos EUA. Em contraponto ao momento isolacionista e bilateral promovido por Trump nos últimos quatro anos, Biden afirma que não somente retomará a orientação multilateral do país, como pretende restaurar a posição estadunidense como líder da integração internacional.

## A disputa entre Estados Unidos e China pela América Central e o Caribe

Victor Cabral

Com a *Belt and Road Initiative* chinesa, a América Central e o Caribe tornaram-se objetivos de conquista de influência pela China. Pequim tem ampliado sua balança comercial com a região, além de atrair os Estados para que integrem a iniciativa estratégica chinesa, seu projeto de investimento em infraestrutura e concretização de influência diplomática e econômica pelo mundo. Nos últimos anos, a movimentação chinesa tem alarmado os Estados Unidos, pela possibilidade de o país asiático desequilibrar sua balança de poder e esfera de influência em seu entorno geográfico direto. Ademais, a proximidade ideológica e comercial com Cuba e Venezuela permitiria que tais países proovessem apoio logístico no Mar do Caribe à Marinha chinesa em uma possibilidade de conflito armado, um risco a sua segurança. Sendo assim, como a expansão chinesa na região impacta a política externa dos EUA e se reflete no

controle territorial?

A China possui relações consistentes com países que deixaram de reconhecer a soberania de Taiwan, ilha considerada pela China como “província rebelde”, tais como Costa Rica, El Salvador, Panamá e República Dominicana. Para Pequim, esse posicionamento é positivo, pois enfraquece internacionalmente a combatida soberania taiwanesa, parcialmente sustentada por países caribenhos e centro-americanos. Posicionamentos da administração Trump de isolar-se em questões domésticas e afastar-se da América Latina, sua histórica zona de projeção de poder, favoreceram os movimentos chineses.

Pequim investe na região em infraestrutura portuária, rodovias, tecnologias de segurança, satélites de comunicação, cultura e saúde. Paulatinamente, apresenta-se aos países como um parceiro confiável, algo desafiador para uma região tão próxima aos interesses >>

estadunidenses. A cogitada possibilidade de a China investir na implantação de corredores bioceânicos, como o Canal da Nicarágua ou o Canal Seco de Honduras preocupa os EUA, pois esses empreendimentos facilitariam o acesso aos oceanos Atlântico e Pacífico e poderiam controlar territórios estratégicos para o entorno securitário de Washington, passando a responder aos interesses extrativistas, comerciais e geopolíticos chineses.

Estados centro-americanos e caribenhos podem aceitar os investimentos chineses, visando a reestruturação regional após a crise econômica de 2020, agravada pelos desastres ambientais como reflexos das mudanças climáticas e pela pandemia. Caberá ao governo Biden decidir como irá reposicionar-se quanto à América Central e o Caribe para recuperar sua influência histórica, cada vez mais enfraquecida pelos interesses chineses.

### Dados de exportação e importação da América Latina e Caribe no primeiro semestre de 2020 em relação ao mesmo período de 2019

Fonte: CEPAL (adaptação nossa)	Parceiros	Exportações	Importações
	Estados Unidos	-19,7%	-21,6%
	China	1,0%	-13,2%
	América Latina e Caribe	-26,6%	-26,6%

## ÁFRICA SUBSAARIANA

### Os impactos da AfCFTA, o maior acordo de livre comércio do mundo

*Isadora Jacques*

A África é extremamente dependente da exportação de matérias-primas para outros continentes através do comércio marítimo. As negociações para a criação da Zona de Livre Comércio Continental Africana (AfCFTA, sigla em inglês) se firmaram em março de 2018. Hoje o acordo é assinado por 54 dos 55 Estados-membros da União Africana (UA), sendo a Eritreia o único que falta. Após a ratificação de metade destes, a união aduaneira finalmente entrou em vigor em 1º de janeiro de 2021, com o intuito de impulsionar o comércio dentro do continente e fortalecer sua unidade nas negociações globais. O bloco econômico se tornou, geograficamente, a maior área de livre comércio do mundo, somando 1,3 bilhão de pessoas e um PIB de US\$ 3,4 trilhões, segundo o Banco Mundial. Assim, questiona-se de que maneira esse acordo pode afetar a infraestrutura dos portos no continente.

Alinhado a esse projeto, o investimento no setor portuário africano, atualmente chega a cerca de US\$ 85 bilhões, oriundo das iniciativas público e privada, justifica-se diante das expectativas de retorno comercial. Diante da busca de alguns países pelo avanço da infraestrutura portuária, a Nigéria se destaca pelos investimentos no setor de transporte terrestre com o intuito de sanar as deficiências existentes, a fim de se

beneficiar do dinamismo esperado pelo livre comércio. Segundo o secretário-executivo do Serviço Alfandegário nigeriano, a estrutura rodoviária e a conexão entre a malha ferroviária e portos são fundamentais para a automação do sistema portuário no primeiro trimestre de 2021.

Por efeito do investimento, financiado através do endividamento, a lucratividade se torna primordial para o sucesso do programa de infraestrutura portuária. Para tal, governantes e gestores envolvidos no AfCFTA precisam superar as consequências de um 2020 de queda nas exportações, aumento do desemprego e crise sanitária. Em função da diminuição do dinamismo econômico, mais de 95% do total de sequestros decorrentes da pirataria foram contabilizados apenas na porção ocidental do continente. Além disso, na mesma região houve um aumento de 7% destes incidentes, comparado a 2019, enquanto no resto do mundo esse índice decaiu.

Percebe-se, portanto, que as expectativas positivas do acordo de livre comércio e o amplo investimento africano podem conferir vigor ao setor portuário e ao comércio marítimo, garantindo oportunidade de emprego e renda, estimulando o aumento da segurança marítima da região e, por fim, a integração nas transações comerciais do continente.

## A Mediação do Kuwait na Resolução da Crise do Golfo

André Nunes

A 41ª cúpula do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG) ocorreu no dia 5 de janeiro de 2021, na cidade de Al Ula, Arábia Saudita. O país anfitrião, os Emirados Árabes Unidos, e o Bahrein – além do Egito, que não compõe o CCG – anunciaram a suspensão do embargo comercial e do bloqueio de fronteiras e espaço aéreo com o Catar, em vigor desde 5 de junho de 2017, por conta de declarações atribuídas ao emir catari, e por ele negadas, publicadas pela *Qatar News Agency* (QNA) no dia 24 de maio do ano em questão. Doha afirmou que a QNA havia sido hackeada.

Durante os mais de três anos de crise envolvendo esses Estados, países como os Estados Unidos e o Kuwait esforçaram-se para mediar uma resolução do imbróglio diplomático. O Kuwait, país árabe, membro do CCG e com histórico de mediação em conflitos regionais, agiu ativamente, em especial na pessoa do então emir e xeque Sabah al-Ahmad al-Jabir al-Sabah, falecido em setembro de 2020.

É importante destacar que o papel do Kuwait como mediador foi legitimado pelas partes envolvidas no conflito, pois, poucos dias depois da publicação da QNA, o emir catari Tamim bin Hamad al-Thani foi à Cidade do Kuwait discutir a tensão no Golfo. Aliado a isso, al-Thani foi o único chefe de Estado a participar da cúpula do CCG em dezembro de 2017 e o único presente no velório de Sabah al-Sabah. Ademais, o grupo de mídia kuwaitiano al Rai publicou em 7 de setembro de 2019 que a Arábia Saudita havia afirmado que a resolução do impasse com Doha só seria resolvida por intermédio da

mediação do Kuwait e de mecanismos do CCG.

O papel do Kuwait como mediador é de relevância tanto para o status de sua diplomacia quanto para a sua segurança, uma vez que o país possui proximidade geográfica com três Estados com superioridade territorial, demográfica e militar: Arábia Saudita, Irã e Iraque. Desse modo, a coesão entre os membros do CCG, além de ser um contrapeso ao Iraque e ao Irã, pode ser também interpretada como uma forma de conter possíveis impulsos hegemônicos por parte de Riad em desfavor dos países menores da Península Arábica.



## EUROPA

### Noruega, Suécia e Finlândia projetam suas Defesas na mesma direção

Thaís Dedeo

Os ministros da Defesa da Noruega, Suécia e Finlândia indicaram, no início de 2021, a necessidade de reforçar as capacidades de Defesa Nacional de seus respectivos países. Apesar de terem sido discursos individuais, os três adotaram um tom que revela uma sincronia de posicionamento e a percepção comum de um ambiente regional cada vez mais suscetível a ameaças externas, como testemunhado após a anexação da Crimeia pela Rússia, em 2014.

As três nações nórdicas projetam-se para a próxima década com um orçamento de Defesa fortalecido para reorganizar e modernizar suas Forças Armadas por meio de diretivas similares. O orçamento de Defesa sueco irá passar dos US\$ 6,2 bilhões em 2020 para US\$ 9,2 bilhões

em 2025, o maior aumento nos gastos com Defesa em 70 anos. Como resultado, a Marinha Real sueca terá um aumento de orçamento de mais de 60% durante este período, o número de submarinos aumentará de quatro para cinco, e mísseis antiaéreos serão adicionados em cinco corvetas. Já a Noruega planeja aumentar suas despesas de Defesa para alcançar a meta da OTAN de 2% de participação no PIB até 2028. Sua Marinha será fortalecida com um maior volume de pessoal, fragatas e submarinos serão reformados e a Guarda Costeira adquirirá três novos navios. Enquanto isso, os gastos militares da Finlândia devem alcançar, em 2021, mais de 2,2% do seu PIB e nos próximos anos sua Marinha adquirirá um novo esquadrão com quatro corvetas da

classe *Pohjanmaa*.

A ciberdefesa é outra área que ganha destaque no planejamento militar futuro dos três países nórdicos. Vale lembrar das acusações feitas à Rússia sobre a interferência ao GPS militar e ao Parlamento norueguês. A importância da cooperação de defesa internacional e de exercícios militares para aprimorar a interoperabilidade é também enfatizada, seja ela nórdica, transatlântica ou europeia.

## Grécia amplia águas territoriais no Mar Jônico antes de reunião com a Turquia

*Dominique Marques e Melissa Rossi*

No dia 20 de janeiro, o Parlamento grego votou por 284-0 para estender as águas territoriais do Mar Jônico de 6 para 12 milhas náuticas, dias antes da reunião entre representantes de Grécia e Turquia, ocorrida dia 25. Esta é a primeira vez que a Grécia estende seus limites marítimos desde 1947. A extensão marítima jônica ocidental da Grécia, sob a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar de 1982, seguiu as negociações com seus vizinhos Ocidentais, Itália e Albânia, mas ainda está pendente uma decisão em Haia sobre as zonas greco-albanesas que se sobrepõem. Apesar desta extensão não causar grande problemas para a Itália e a Albânia, como este movimento afetará a já extremamente frágil e tensa relação entre Grécia e Turquia?

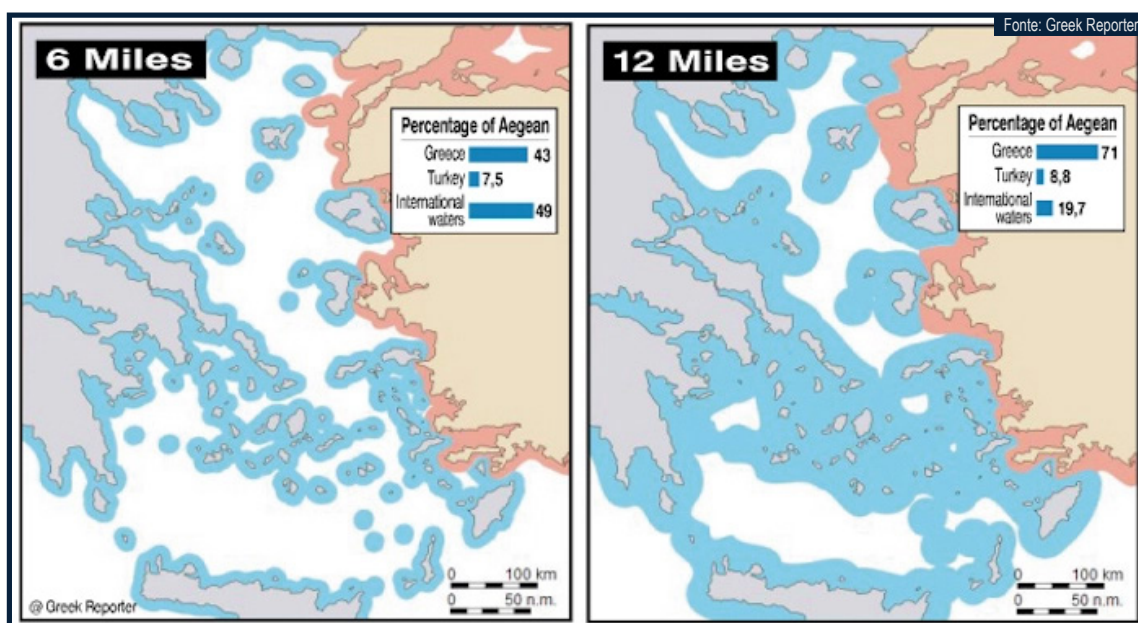
É importante lembrar que em 1995 a Turquia declarou que um pedido de ampliação de águas territoriais gregas no Mar Egeu, onde se encontram dezenas de ilhas gregas próximas à costa ocidental da Turquia, seria considerado causa *belli*, o que coloca a questão atual em situação de semelhança uma vez que este pedido no Mar Jônico faz pressupor-se que igual pedido possa ser feito futuramente no Mar Egeu, onde a Grécia detém o controle de 21% deste mar. Se o pedido no Mar Jônico for aceito, isto dá o direito de a Grécia reivindicar 71% do Mar Egeu,

Ademais, ressalta-se a assinatura de uma declaração de cooperação operacional militar entre os três ministros da Defesa em setembro de 2020, comprometendo-se a garantir a segurança e estabilidade do norte da Europa e do Ártico, cada vez mais cobiçado por atores externos à medida que se torna uma nova rota comercial. Portanto, percebe-se que os três Estados se preparam de maneira paralela para um futuro militarmente imprevisível.

afetando o acesso turco às águas deste mesmo mar, de acordo com seu domínio sobre as ilhas ali localizadas.

Tudo isto se desenrola em meio a tentativas de reaproximação entre ambos os países e de realinhamento de suas políticas, especialmente no que concerne à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), da qual ambas são parte. Além disso, o presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, que enfrenta um crescente isolamento regional por causa de contestadas ações ligadas à exploração de hidrocarbonetos no Mediterrâneo Oriental, manifestou-se mais uma vez falando da vontade de se realinhar com a União Europeia.

O objetivo da reunião foi de discutir as zonas marítimas referentes a ambos os países, mas, enquanto Atenas deseja manter as discussões limitadas à questão da demarcação marítima e zonas econômicas exclusivas (ZEE), Ancara deseja também discutir a desmilitarização das ilhas do Mar Egeu, a minoria muçulmana na Grécia e o status das formações de ilhotas. Após este primeiro encontro em Istambul, ambos os países concordaram em continuar debatendo numa próxima reunião em Atenas, o que demonstra um ato de boa fé depois de mais de 5 anos sem diálogo.



## Southern Gas Corridor: o avanço da geopolítica energética do Azerbaijão

Luiza Guitarrari

A próxima década pretende ser um período de diversificação dentro do mercado de gás. Devido aos avanços na construção de novos gasodutos e, principalmente, no que concerne ao cenário europeu — maior mercado russo —, observa-se a entrada de novos fornecedores energéticos no que é considerado quase um monopólio. Diante da latente pauta sobre segurança energética e sua subsequente diversificação, é perceptível que o Azerbaijão, com seu ambicioso *Southern Gas Corridor* (SCG), adentra 2021 como um relevante ator energético. Sendo este setor um importante pilar de sua economia, o que esperar de sua incursão no maior mercado russo?

Após a desintegração do bloco soviético em 1991, o Azerbaijão ganhou notoriedade com a descoberta de grandes jazidas em áreas produtoras de petróleo e gás natural, principalmente no campo *Shah Deniz*, no mar Cáspio. O país é responsável por 80% do mercado energético do Cáucaso. Destarte, em 1994, foi assinado o “contrato do século”. Firmado com a companhia estatal SOCAR, o contrato trouxe onze corporações multinacionais em consórcio para exploração dos recursos energéticos azeri no Cáspio em um período de 30 anos. Este é considerado atualmente uma das dez

maiores reservas *offshore* de gás mundial, com volume estimado em 1 tcm (trilhão de metros cúbicos).

Logo, atravessando sete países, o “corredor” de 3.500km pretende contribuir ativamente para a diversificação do mercado energético transnacional, de modo a evitar a dependência de potências regionais como Rússia e Irã.

Inclusive, em 31 de dezembro de 2020, ocorreu o primeiro bombeamento comercial de gás azeri em direção à Europa, por meio do gasoduto TAP (*Trans Adriatic Pipeline*), último segmento do extenso SCG. Contudo, seu fluxo de 16 bilhões de metros cúbicos (bcm), sendo 10 bcm em direção à Europa Ocidental e 6 bcm para a Turquia, ainda não faz frente aos 170 bcm exportados por Moscou no ano passado. Todavia, a remessa já é suficiente para suprir parte da demanda de países dos Bálcãs, como a Bulgária, que antes dependia de 2,3 bcm de gás russo, com propensões de volumes adicionais para demais países, dada a escalabilidade do projeto.

Após décadas de diplomacia energética entre União Europeia e, inclusive, Estados Unidos, o Azerbaijão também abre portas para que demais países cáspios encontrem no consolidado corredor para a Europa uma rota de trânsito livre da esfera russa.



## O papel do submarino *Kazan* nos interesses geopolíticos russos

José Gabriel Melo

A ocultação e indiscrição no teatro de operações marítimo são algumas das características que fazem dos submarinos um importante instrumento de aplicação do poder naval, que, por sua vez, presta um papel fundamental na garantia da soberania. Nesse contexto, no final de dezembro de 2020, o Ministério da Defesa russo emitiu uma nota sobre o comissionamento do Projeto 885M, o submarino de propulsão nuclear *Kazan* K-561, da classe *Yansen-M*, um investimento de cerca de US\$ 1,6 bi e visto como o estado-da-arte pelo Alto Comando da Armada russa. No entanto, surge uma pergunta: quais fatores levam um país que passa por uma grave crise econômica, acentuada por severas sanções, a fazer um investimento dessa ordem de grandeza?

De antemão, é preciso destacar que, do ponto de vista tático, o submarino nuclear é um meio naval que exerce um relevante papel dissuasório. Em outras palavras, por permanecer submerso sua indiscrição permite que ele se torne uma ameaça constante, negando o uso do mar ao inimigo. O *Kazan*, foi desenhado pela *Malakhit* e construído pela *Sevmash*, ambas subsidiárias da estatal *United Shipbuilding Corporation*, e desloca cerca de 13.800 toneladas. Com 130m de comprimento

e capacidade para 68 tripulantes, o submarino possui como principais armamentos os mísseis de cruzeiro multipropósito *Kalibr*, e os anti-navios P-800 *Onikz*.

A explicação para tamanho investimento passa, mas não se limita, por dois espectros: o geopolítico e o econômico. A importância geopolítica desse dispêndio é justificada pelo teatro de operações do *Kazan*, que deve ser alocado na Esquadra do Norte, responsável pela região do Oceano Ártico, que vem se destacando pelo nível alarmante de degelo, algo que significa a prospecção de novas rotas de navegação que reduzam o tempo de trânsito de embarcações mercantes. Além disso, a região também é abundante em recursos naturais vivos e não-vivos. Por outro lado, a importância econômica repousa na necessidade de oxigenar a indústria de defesa, segunda maior fonte de receita do Estado russo, e responsável por cerca de três milhões de empregos.

Portanto, em um cenário internacional que se mostra cada vez mais hostil para Moscou, o investimento em um submarino nuclear com capacidade de dissuasão, mostra-se aceitável. O *Kazan* é um marco na modernização da poderosa Marinha russa, iniciada há cerca de uma década.

## LESTE ASIÁTICO

### Suganomics: Economia digital e verde no Japão pós-COVID-19

Vinícius Guimarães Reis Gonçalves

A economia japonesa foi uma das mais afetadas, globalmente, pela pandemia da COVID-19, e problemas estruturais de décadas foram acentuados pelo vírus. Como elemento adicional, temos o legado olímpico de Abe pressionando os cofres públicos. De maneira a pensar na conjuntura de 2021, e no longo prazo, o primeiro ministro Yoshihide Suga elegeu dois pilares para a recuperação econômica: o Digital e o Verde.

O Japão sempre foi um país conhecido por sua inovação tecnológica, contudo, os últimos 30 anos mostraram uma tendência para a estagnação do setor corporativo. O novo planejamento macroeconômico envolve uma transformação digital de todas as estruturas do país. O objetivo é gerar empregos e alinhar todos os setores produtivos. A tecnologia digital da atualidade é um campo que envolve diretamente a geopolítica e as finanças internacionais dos países, sendo o embate do 5G, entre China e EUA, um exemplo claro disso. Essa mescla de fatores domésticos e internacionais faz com que o governo se mostre atento às demandas de longo e médio prazo. Em um *ranking* de competitividade digital, feito em 2020, o Japão se encontrou na 27ª posição entre

63 economias analisadas.

Em paralelo, o desenvolvimento socioeconômico será “verde” no sentido de incorporar o desenvolvimento sustentável em todas as esferas produtivas do país. O governo já anunciou que pretende neutralizar as emissões de dióxido de carbono até 2050. O desenvolvimento sustentável traz confiança tanto dos mercados quanto da população, o que ajuda a melhorar a imagem pública do governo. Assim como no campo digital, discutir sobre a implementação de uma matriz energética “100%” renovável, é, também, discutir sobre questões geopolíticas.

Por fim, esta iniciativa, já intitulada de *Suganomics* de maneira a espelhar as *Abenomics*, demonstra uma visão precisa das principais demandas econômicas do futuro. Porém, o país ainda tem que lidar com antigos problemas estruturais como a sua “bomba demográfica”, decorrente do envelhecimento da população, e a baixa participação das mulheres no mercado de trabalho (*Womenomics*). Portanto, cabe saber se o Japão terá a base necessária para promover essa mudança de foco no setor econômico.

## A ascensão do poder militar chinês: uma nova potência terrestre e naval

Rodrigo Abreu

No fim de 2020, imagens de satélite sugeriram que a China aumentou substancialmente a infraestrutura da Base Naval de Yulin, na província de Hainan. Yulin é a maior base naval chinesa dentro do Mar do Sul da China e as imagens das reformas sugerem que a China estaria construindo um dique seco, capaz de abrigar seus porta-aviões.

As reformas na Base Naval de Yulin representam mais uma dimensão do aumento do poder naval da China nos últimos anos. A capacidade de projeção de poder da Marinha chinesa está em constante ampliação, de maneira que, nos próximos anos, sua mobilidade e permanência podem estender seu alcance operacional na região do Pacífico Central. Assim, a China deixa de ser apenas uma potência terrestre para se enquadrar na categoria de potência terrestre e naval.

A história apresenta exemplos de potências terrestres que falharam ao tentar projetar seu poder naval e ressalta a dificuldade de manter essa dinâmica no longo prazo. Entretanto, tais falhas em sustentar uma postura terrestre e naval são atribuídas à negligência de uma dessas dimensões e à falta de um planejamento claro de longo

prazo. No caso chinês, as sucessivas metas econômicas e militares divulgadas pelo governo sinalizam para a presença de tal planejamento.

Para que a China consiga se sustentar como potência terrestre e naval, também é necessário que o país construa boas relações e garanta uma estabilidade próximo de suas fronteiras. Conflitos fronteiriços e deterioração das relações diplomáticas com a Índia ou com a Rússia, ou uma escalada de conflitos na península coreana podem fazer com que a China precise designar recursos maiores para as forças terrestres, atrasando sua expansão naval.

Portanto, embora represente um aumento de capacidades, a transformação em uma potência terrestre e naval traz novos desafios para China no nível político-estratégico, uma vez que as demandas de ambas as dimensões de poder precisam receber atenção e recursos igualmente. Além disso, Pequim precisa ficar atento aos possíveis impactos geopolíticos da ascensão de seu poder naval, uma vez que esse processo faz com que, não só os Estados Unidos, mas também os países regionais se sintam ameaçados com sua expansão e presença militar.



A ameaça chinesa é um dos principais pontos de convergência entre o ex-presidente Donald Trump e seu sucessor, Joe Biden. Apesar de sequer citar a China em seu discurso de posse, é indubitável a centralidade da questão para a nova administração de Biden. Sendo assim, o que podemos esperar das relações bilaterais sino-estadunidense?

Na esfera comercial, a lista de sanções impostas pela administração Trump à China requer atenção para decidir entre a manutenção, revisão ou remoção dessas iniciativas. Este exercício é urgente, considerando a recente assinatura do *Regional Comprehensive Economic Partnership* (RCEP), o maior acordo de livre-comércio do mundo, tendo preenchido um vácuo deixado pela saída dos EUA da Parceria Transpacífico (TPP, sigla em inglês). O acordo permite maior acolhimento de investimentos chineses nos países da região do Indo-Pacífico, com a eliminação de tarifas de importação por 20 anos em áreas como propriedade intelectual, telecomunicações, serviços financeiros, comércio eletrônico e serviços profissionais. Caso contrário, a inércia ameaça o imperativo estadunidense de reduzir a dependência da cadeia de suprimentos dos EUA frente à China com base no apoio de aliados regionais, que compartilham do

interesse de enfrentar as práticas mercantilistas chinesas.

A natureza divergente dos países em termos de sistemas sociais, estágios de desenvolvimento e cultura histórica reforça a necessidade de recalibrar as relações bilaterais, e alguns de seus principais funcionários nomeados para a administração demonstram como podem delinear esse objetivo. Avril Haines, chefe do serviço secreto, considera a China um "desafio" para a segurança e prosperidade dos EUA e apoia uma "postura agressiva" para lidar com os desafios da relação bilateral; o secretário de defesa, general Lloyd Austin, defende uma "abordagem coercitiva" à Pequim na região do Indo-Pacífico e em todo o mundo, de encontro ao que propõe Anthony Blinken, secretário de Estado, no sentido de resgatar a posição de força dos EUA, substancialmente quebradiça durante a gestão Trump.

Biden buscará, portanto, fortalecer os laços com aliados regionais, como endossou publicamente a estrutura do "Indo-Pacífico Livre e Aberto" de Trump, durante a janela de oportunidade advinda do agravamento das relações sino-australianas. Fato semelhante demonstrou-se durante o impasse fronteiriço da China com a Índia; fatos que apontam para um cenário de concertação política e estratégica na região.

## SUL DA ÁSIA

### Os desdobramentos da retirada das tropas estadunidenses do Afeganistão

Marina Corrêa

A “guerra sem fim” do Afeganistão dura 19 anos e poderia ser finalizada em 2020. Contudo, o ano foi marcado por avanços e retrocessos nas negociações de paz no país (iniciadas em fevereiro) e as interferências internacionais (disputa regional entre Índia, China, Paquistão, Rússia e Irã) em assuntos internos. Uma vez que a retirada das tropas estadunidenses é ponto fulcral para o diálogo intra-afegão, quais os seus desdobramentos para a segurança internacional?

Do ponto de vista internacional, a saída dos EUA do Afeganistão preocupa não só os países supracitados, mas também os membros da OTAN. A Organização conta com aproximadamente 11.000 militares e civis *in loco* e é dependente dos EUA para apoio logístico, e deveria remover totalmente suas tropas até maio de 2021, operação que, segundo o secretário-geral da OTAN, Jens Stoltenberg, está no topo da agenda. Todavia, um dia antes da posse de Joe Biden, Antony Blinken – secretário de Estado nomeado – disse que estão considerando a ideia do presidente de manter uma força de contraterrorismo no país, mas antes será preciso que este revise os documentos, aos quais ainda não teve acesso.

Já para a segurança regional, a preocupação é vista

na possibilidade de ascensão do Talibã ao poder, dada a debilidade política do país. Nota-se que Índia e Irã já retomaram os projetos no porto de Chabahar, visando torná-lo um anel de interface com a Ásia Central via rotas terrestres e mercado afegão. Porém, seu projeto necessita ser assegurado também pelo apoio das Forças de Segurança do país para proteger as cargas de roubo, desvio e/ou taxação pelo grupo insurgente. O Paquistão e a China, além da cooperação econômica para o desenvolvimento do projeto CPEC (*China-Pakistan Economic Corridor*), preocupam-se com o terrorismo, principalmente devido à zona fronteiriça e às alianças insurgentes internacionais. Além disso, a inquietação chinesa está pautada nas possíveis ações que o Talibã pode vir a tomar em Xinjiang, uma vez que repudia fortemente as políticas repressivas e ações tomadas pelo governo contra a etnia *uigur*, militantes do grupo e majoritariamente muçulmana.

Por fim, dada a complexidade da situação, torna-se de suma importância a cooperação regional e internacional para que os interesses do atual governo afegão (econômicos, políticos e de segurança) sejam supridos.

Expectativas para o Ártico: o aumento dos transportes na *Northern Sea Route*

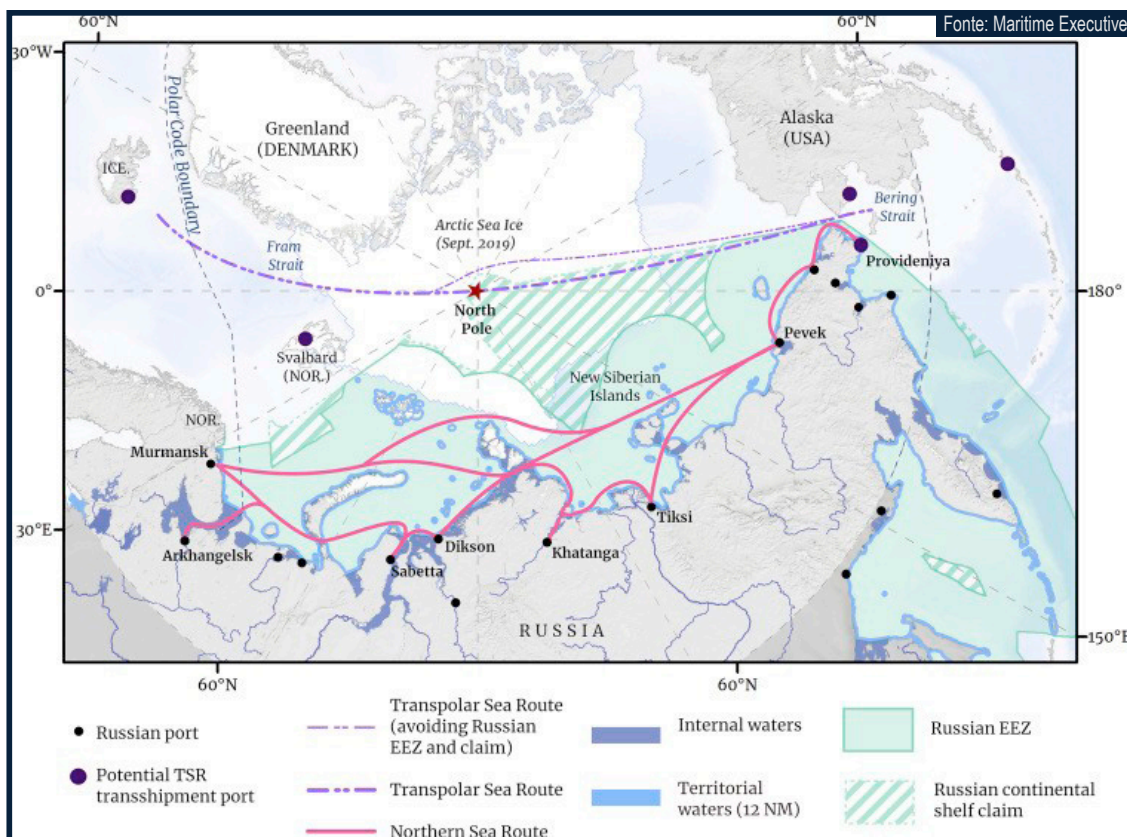
Raphaella Costa

Em dezembro de 2020, foi divulgado pelo *The Barents Observer* um levantamento percentual a respeito do contínuo crescimento da navegação na *Northern Sea Route* (NSR), sob controle da Rússia, mesmo em um ano de crise devido à pandemia de COVID-19. De acordo com os índices publicados pela estatal russa de energia nuclear, Rosatom, o marco de 32 milhões de toneladas transportadas pela NSR, em 2020, foi atingido na data de 22 de dezembro. Os números ultrapassam a meta original de 29 milhões de toneladas para o período, de acordo com Leonid Irlitsa, chefe adjunto da Atomflot. Assim, revela-se um padrão de crescimento no transporte marítimo pela NSR nos últimos anos, uma vez que, em 2017, foram transportadas 10,7 milhões de toneladas, em 2018 o volume aumentou para 20,18 milhões e, em 2019, totalizou 31,5 milhões.

Segundo o *Center for High North Logistics* da Noruega, foram registrados 62 trânsitos de embarcações pela NSR no período até 9 de dezembro de 2020, contra 37 em todo o ano de 2019. Além disso, o número de navios que se utilizou da rota, em 2020, atingiu o patamar de 331, enquanto, em 2019, o mesmo índice totalizou

277 embarcações. Este recorde se deu, sobretudo, à inauguração de um novo sistema de gestão automática das operações marítimas que permitirá, segundo Leonid Irlitsa, um crescimento significativo dos embarques em trânsito na NSR ao longo de 2021.

O levantamento percentual revela, ainda, que a maior parte da circulação no extremo norte do planeta é impulsionada por produtores de *commodities* russos, chineses e canadenses que exportam minério de ferro, petróleo, gás natural liquefeito e outros combustíveis pelo Oceano Ártico. As remessas russas, por sua vez, são majoritariamente de gás natural liquefeito de Yamal LNG, em Sabetta. Paralelamente, grandes volumes de mercadorias abastecem novos projetos industriais do país, dentre eles o *Arctic LNG 2*, em Gydan. Cabe ainda ressaltar, que, a partir da Estratégia Ártica da Rússia para o período até 2035, aprovada pelo presidente Vladimir Putin em outubro de 2020, o governo, ambiciosamente, almeja que os embarques na NSR cheguem a 90 milhões de toneladas no ano de 2030, bem como a 130 milhões, em 2035.



- ▶ [The Dangers of Vaccine Disillusionment: A Viable Immunization Is Good News, but Realities Won't Match Expectations for Many Months](#)  
FOREIGN AFFAIRS, Josh Michaud e Jen Kates
- ▶ [Global Britain, global broker : A blueprint for the UK's future international role.](#)  
CHATHAM HOUSE, Robien Niblett
- ▶ [The EU-China deal: geostrategic naivety or calculated opportunism?](#)  
IISS, Sarah Raine
- ▶ [How Covid-19 affected U.S China Military Signaling.](#)  
ASIA MARITIME TRANSPARENCY INICIATIVE
- ▶ [Chinese Navy Faces Overseas Basing Weakness, Report Says](#)  
USNI NEWS, John Grady
- ▶ [Anchoring the Caribbean: The Colombian Navy's Growing Role in the Caribbean Region](#)  
STABLE SEAS, Walker D. Mills
- ▶ [The Biden Administration's First Steps and the UN](#)  
RUSI, Richard Gowan
- ▶ [Pragmatic ordering: Informality, experimentation, and the maritime security agenda](#)  
ACADEMIA.EDU, Christian Bueger

## CALENDÁRIO GEOCORRENTE

### JANEIRO

**25-29** Reunião do Fórum Econômico Mundial (Conferência Online, Davos)

**26-28** European Gas Virtual (Conferência Online, Áustria)

### FEVEREIRO

**05** Tratado New Strategic Arms Reduction (START) expira

**07** Eleições Gerais no Equador

**08** Eleições Presidenciais na Somália

**09-10** As sondas Mars 2020 (EUA), Hope (EAU) e Tianwen-1 (CHI) chegam à Marte

**15** Eleições gerais no Níger

**28** Eleições presidenciais no Kosovo

## REFERÊNCIAS

- **Expectativas na política externa e marítima argentina**  
HORVAT, A. [¿Vaca muerta bajo el mar? El trabajo hormiga que amplió el territorio argentino.](#) **La Nación**, Buenos Aires, 06 jan. 2021. Acesso em 07 jan. 2021.  
CAVALLONE, Elena. [Falkland Islands back in spotlight after exclusion from Brexit deal.](#) **Euronews**, Bruxelas, 14 jan. 2021. Acesso em 22 jan. 2021.
  - **Escalada de tensões na disputa por Essequibo**  
[U.S. openly supports Guyana: joint coast guard exercise.](#) **MercoPress**. Montevideo, 12 jan. 2021. Acesso em: 23 jan. 2021.  
ROJAS, Ymarú. [Maduro decreta establecer un nuevo territorio en una rica región en disputa con Guyana.](#) **ABC Internacional**, Caracas. 08 jan. 2021. Acesso em 23 jan. 2021.
  - **Joseph Biden e a retomada da orientação multilateral estadunidense**  
[Joe Biden: Where does he stand on key issues?.](#) **BBC**, Londres, 20 jan. 2021. Acesso em 21 jan. 2021.  
KAVI, Aishvarya. [Biden's 17 Executive Orders and Other Directives in Detail.](#) **The New York Times**, Nova Iorque, 20 jan. 2021. Acesso em 21 jan. 2021.
  - **A disputa entre Estados Unidos e China pela América Central e o Caribe**  
BELLO, L. [Centroamérica na disputa geopolítica entre a China e os Estados Unidos.](#) **Brazilian Journal of Latin American Studies**, São Paulo, 22 out. 2020. Acesso em 21 jan. 2021.  
SEMPLE, Kirk. [China Extends Reach in the Caribbean, Unsettling the U.S.](#) **The New York Times**, Nova Iorque, 08 nov. 2020. Acesso em 21 jan. 2021.
  - **Os impactos da AfCFTA, o maior acordo de livre comércio do mundo**  
ADENUBI, T. [Nigeria targets improvement in transport infrastructure modes ahead of AfCFTA take off.](#) **Nigerian Tribune**, Ibadan, 29 nov. 2020. Acesso em: 04 dez. 2020.  
KINYUA, B.G. [What Will the African Continental Free Trade Area Mean for Shipping?](#) **The Maritime Executive**, Fort Lauderdale, 04 jan. 2021. Acesso em: 22 jan. 2021.
  - **A Mediação do Kuwait na resolução da Crise do Golfo**  
FRAIHAT, I. [Superpower and Small-State Mediation in the Qatar Gulf Crisis.](#) **The International Spectator**, Roma, 15 maio 2020. Acesso em 16 de jan. 2021.  
SULIMAN, Adela; SMITH, Saphora; GUBASH Charlene. [Saudi Arabia lifts blockade of Qatar in breakthrough agreement easing Gulf crisis.](#) **NBC News**, Nova Iorque, 05 jan. 2021. Acesso em 18 jan. 2021.
  - **Noruega, Suécia e Finlândia projetam suas Defesas na mesma direção**  
HULTQVIST, P. [Sweden 's defense minister: Additional resources are coming to bolster national security, alliances.](#) **Defense News**, Fairfax, 11 jan. 2021. Acesso em: 20 jan. 2021.  
["Finland, Norway and Sweden enhance their trilateral military operations cooperation".](#) **Ministério da Defesa da Suécia**, Estocolmo, 23 set. 2020. Acesso em: 20 jan. 2021.
  - **Grécia amplia águas territoriais no Mar Jônico antes de reunião com a Turquia**  
[Greek MP's approve extension of territorial waters in Ionian Sea.](#) **Al Jazeera**, Doha, 20 jan. 2021. Acesso em: 22 jan. 2021.  
[Greece extends coastal claim to Ionian Sea waters, indirectly warns Turkey.](#) **Deutsche Welle**, Bonn, 21 nov. 2021. Acesso em: 23 jan. 2021.
  - **Southern Gas Corridor: o avanço da geopolítica energética do Azerbaijão**  
COHEN, A. [Bad news for Russia. As Gas From Azerbaijan Now Flows to Western Europe.](#) **Forbes**, Jersey City, 06 jan. 2021. Acesso em: 21 jan. 2021.  
MORNINGSTAR, R. BRYZA, M. BROWN, N. SHAFFER, B. Rapid Response: [The Southern Gas Corridor opens today.](#) **Atlantic Council**, Washington, 31 dez. 2021. Acesso em: 23 jan. 2021.
  - **O papel do submarino Kazan nos interesses geopolíticos russos**  
EPISKOPOS, M. [Russia's Yasen-M Submarine Is The Deadly Gift That Keeps On Giving.](#) **The National Interest**, Washington, 13 jan. 2021. Acesso em 25 jan. 2021.  
VAVASSEUR, X. [Russia 's Kazan Nuclear-Powered Attack Submarine Holds Torpedo Live-Firing In White Sea.](#) **Naval News**, Paris, 24 dez. 2020. Acesso em: 15 jan. 2021.
  - **Suganomics: Economia digital e verde no Japão pós-COVID-19**  
NYABIAGE, J. [China to start buying soybeans from Tanzania as it seeks new suppliers.](#) **South China Morning Post**, 29 out. 2020. Acesso em: 06 nov. 2020.  
SEIXAS, A. [Em busca de segurança alimentar, China se prepara para a fase pós-Covid- 19 e pode influenciar o agronegócio brasileiro.](#) **EMBRAPA**, 05 jun. 2020. Acesso em: 06 nov. 2020.
  - **A ascensão do poder militar chinês: uma nova potência terrestre e naval**  
YOSHIHARA, T. [China as a Composite Land-Sea Power: a Geostrategic Concept Revisited.](#) **CIMSEC**, [s.l.], 06 jan. 2021. Acesso em: 22 jan. 2021.  
YEO, M. [China boosting naval footprint at its southern tip, new satellite images suggest.](#) **DefenseNews**, Fairfax, 21 jan. 2021. Acesso em: 22 jan. 2021.
  - **Relações EUA-China: o que vem depois de Trump?**  
KENNEDY, S. [A Complex Inheritance: Transitioning to a New Approach on China.](#) **Center for Strategic and International Studies (CSIS)**, Washington, 19 jan. 2021. Acesso em 20 jan. 2021.  
GEANEY, D. [How the Biden Administration Should Counter China in Southeast Asia.](#) **Journal of Indo-Pacific Affairs - Air University Press**, Montgomery, 21 jan. 2021. Acesso em 22 jan. 2021.
  - **Os desdobramentos da retirada das tropas estadunidenses do Afeganistão**  
SIDDIQUE, A. [Afghans Hope For Course Correction Under Biden.](#) **Radio Free Europe/Radio Liberty**, Praga, 20 jan. 2021. Acesso em: 20 jan. 2021  
[How to End a Forever War.](#) **The New York Times – The Editorial Board**, Nova Iorque, 30 nov. 2020. Acesso em: 03 dez. 2020.
  - **Expectativas para o Ártico: o aumento dos transportes na Northern Sea Route**  
BYE, H. [Russia's Updated Arctic Strategy: New Strategic Planning Document Approved.](#) **High North News**, Bodo, 28 out. 2020. Acesso em: 18 nov. 2020.  
STAALESEN, A. [In year of crisis, growth continues on Northern Sea Route.](#) **The Barents Observer**, Kirkenes, 10 nov. 2020. Acesso em: 18 nov. 2020.
- CAPA: [NATIONAL SECURITY CUTTER STONE \(WMSL 758\) NAVEGA NO GOLFO DO MÉXICO DURANTE BUILDER'S SEA TRIALS NO INÍCIO DE 2020.](#)  
POR: LANCE DAVIS/HII

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em cinza representam conflitos monitorados, caso tenha

agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e mortos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os países com maior número de infectados, e os países com maior número de infectados na África e na Oceania de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho, laranja e amarelo de acordo com o número de casos totais.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

### ▶ ALTO RISCO:

- IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: [Lebanon: Interpol issues warrants for people involved in Beirut port explosion](#). Al-Monitor, 23 jan. 2021. Acesso em: 26 jan. 2021.
- LÍBANO — Crise estrutural: [Explosion heard in Riyadh as Saudi Arabia intercepts 'hostile target'](#). Middle East Eye, 23 jan. 2021. Acesso em: 26 jan. 2021.
- VENEZUELA — Crise estrutural: [EU states no longer recognise Guaido as Venezuela's interim president](#). Reuters, 25 jan. 2021. Acesso em: 26 jan. 2021.
- ETIÓPIA — Crise política: [Sudanese patrol shelled by Ethiopian forces: Report](#). Anadolu Agency, 25 jan. 2021. Acesso em: 26 jan. 2021.
- MOÇAMBIQUE — Conflito entre governo e forças insurgentes: [União Europeia pode treinar moçambicanos no combate ao terrorismo em Cabo Delgado](#). Voa, 22 jan. 2021. Acesso em: 26 jan. 2021.

### ▶ MÉDIO RISCO:

- LÍBIA — Escalada da guerra civil: [Libya's Interior and Defense Ministers instruct security intervention in Tarhouna](#). The Libya Observer, 25 jan. 2021. Acesso em: 26 jan. 2021.
- MEDITERRÂNEO ORIENTAL — Aumento das tensões entre Grécia e Turquia: [Turkey and Greece resume talks to resolve maritime disputes](#). Arab News, 26 jan. 2021. Acesso em: 26 jan. 2021.
- MAR DO SUL E DO LESTE DA CHINA, HONG KONG & TAIWAN — Avanço chinês sobre as regiões: [US concerned after Chinese warplanes fly over Taiwan airspace](#). DW, 25 jan. 2021. Acesso em: 26 jan. 2021.
- SÍRIA — Tensões na região de Idlib: [U.S. Strategy in Syria Has Failed](#). Foreign Affairs, 25 jan. 2021. Acesso em: 26 jan. 2021.

• FRONTEIRA SINO-INDIANA — Impasse na ALC: [India, China troops clash at Naku La in Sikkim, injuries on both sides](#). The Times of India, 25 jan. 2021. Acesso em: 26 jan. 2021.

• FRONTEIRA ENTRE ARMÊNIA E AZERBAIJÃO — Conflito armado na região de Nagorno-Karabakh: [Nagorno-Karabakh Conflict: Delayed Resolution and Russia's Interests](#). Valdai Discussion Club, 13 jan. 2021. Acesso em: 26 jan. 2021.

• BELARUS — Crise política e tensões com o bloco europeu: [The impossible stalemate : How the Belarus face off could go on and on](#). European Council on Foreign Relations, 25 jan. 2021. Acesso em: 26 jan. 2021.

► EM MONITORAMENTO:

• RÚSSIA — Protestos da oposição: [In Aleksei Navalny Protests , Russia Faces Biggest Dissent in Years](#). The New York Time, 23 jan. 2021. Acesso em: 26 jan. 2021.

• AFEGANISTÃO — Instabilidade regional: [How can Afghanistan be peaceful in 2021?](#) The Express Tribune, 22 jan. 2021. Acesso em: 26 jan. 2021.

• UCRÂNIA — Tensões transfronteiriças Rússia-Ucrânia: [Russia remains unwilling to end seven-year Ukraine war](#). Atlantic Council. 09 jan. 2021. Acesso em: 26 jan. 2021.

• QUIRGUISTÃO — Crise política: [Elections in Kazakhstan and Kyrgyzstan : The Challenges of Retaining Power](#). Foreign Policy Research Institute, 25 jan. 2021. Acesso em: 26 jan. 2021.

• AUSTRÁLIA E CHINA - Crise diplomática e sanções econômicas: [Australia calls for 'restraint and peace' as Chinese military escalates Taiwan incursions](#). The Sydney Morning Herald, 25 jan. 2021. Acesso em: 26 jan. 2021.